

Reserva dos xavantes preocupa missionários

Da Sucursal de BRASÍLIA e SANTOS

O Conselho Indigenista Missionário, vinculado à Conferência dos Bispos do Brasil, vai se reunir em Brasília a partir do dia 24 para debater a criação de um Diretório Indígena e discutir os critérios de desapropriação das terras localizadas na reserva xavante de São Marcos, em Mato Grosso, onde a missão de padres salesianos perderá cerca de cinco mil hectares.

O fato de as terras da missão salesiana passarem para os xavantes não desagradará aos missionários. "No entanto — afirmam — não podemos nos conformar com o critério que a Funai vem adotando para retirar da área os "invasores". Os grandes proprietários não foram incomodados, enquanto os menores sofrem pressões constantes por parte da Funai". Entre os "grandes proprietários" estão o fazendeiro Octavio José dos Santos, dono de 11 mil hectares, e Manoel Gomes e Marciso do Bije.

DIRETÓRIO E VETOS

Quanto ao Diretório Indígena, o padre Vicente Cesar presidente do Cimi, comentou que em princípio a idéia de sua criação vincula-se à necessidade de o Conselho traçar diretrizes para o trabalho das missões religiosas junto aos grupos indígenas. A Missão Anchieta, de Diamantino, MT, já mantém um diretório desse tipo, que servirá de base para as discussões.

Os missionários também debaterão os vetos da Presidência da República aos artigos do recém-aprovado Estatuto do Índio que autorizavam as missões religiosas e científicas a prestarem serviços de natureza assistencial nas aldeias. A justificativa oficial foi que essa autorização legal desprestigiaria a Funai, órgão encarregado de dar a proteção do Estado aos índios, mas os membros do Conselho Missionário afirmam que ainda têm esperanças de que a autorização oficial seja concedida para "recompensar o trabalho secular dos missionários".

O padre Vicente Cesar, contudo, acha que o veto "foi correto e coerente por parte do governo. A União não pode sofrer quebra de unidade e limitação de sua ação de tutelar as populações indígenas. Por outra, é sumamente difícil caracterizar juridicamente o que vem a ser uma missão religiosa e praticamente impossível o que vem a ser missões científicas". Mas, segundo o padre, deve-se encontrar uma fórmula de definição e caracterização jurídica dessas missões "e de qual seria o seu direito de presença entre os índios".

O garçom é índio, e fala do seu povo

Unhas esmaltadas, paletó branco, gravata borboleta, fumando cigarros de filtro, Aua Guerapa Mirindu é garçom há 16 anos de um restaurante de Itanhaém: "E por isso sei mais do que ninguém, que para o índio a civilização branca é muito ruim". Aua gosta muito de falar sobre a "causa indígena", que conhece bem: ele próprio é um guarani, membro do reduzido grupo que conseguiu sobreviver no litoral Sul de S. Paulo e hoje, quase descaracterizado, confunde-se com os caiçaras.

Depois de absorvidas pela sociedade, as 25 famílias de guaranis de Itanhaem e as 20 de tapuias de Itariri terminaram marginalizadas. Vivem em casas de barro, com fogão, dormem em camas de madeira, mas não plantam mais: preferem fabricar arcos e flechas para vender nas cidades e com o dinheiro compram alimentos nas mercearias. Os guaranis vivem na área de 200 alqueires do Posto José de Anchieta, mantido pela Funai, todos liderados por Aua, também chamado de Domingos Samuel dos Santos.

Casado há 11 anos com uma branca, pai de duas filhas, Aua é a própria história da falta de perspectivas e marginalização de seu povo. Aos 17 anos,

abandonou a tribo para trabalhar numa mercearia em São Paulo, onde ficou dois anos. Voltou ao posto indígena, mudou-se para Santos e regressou novamente a Itanhaém. "Depois de algum tempo, já não suportava a cidade e retornava ao Posto José de Anchieta". Finalmente, fixou-se no emprego de garçom de restaurante, mas diz que sempre volta "à mata", cada vez mais atento para os problemas da minoria indígena no Brasil.

— Não quero perder o contato com os poucos índios que ainda restam. Aqui, sinto na pele que esta vida não é para o índio. E procuro alguma coisa para ajudá-los: divulgar suas coisas, mas sem trazê-los à civilização.

LONGE DAS CIDADES

Ele pretende "conseguir

uma carteirinha" para divulgar os costumes dos guaranis na Praça da República, em São Paulo, mas ao mesmo tempo evitar que os índios venham à cidade vender seu artesanato: "Não acho bom o índio ficar vendendo objetos. Eles devem ser fabricados só para uso dos índios, não para consumo de turistas. O índio deve continuar caçando, plantando: permanecer longe do dinheiro. Mas é muito difícil. Mesmo que ele não venha à cidade, o branco vai até ele e explora".

Em Itanhaém, Aua espera construir um templo, montar um museu e desenvolver e difundir o alfabeto de 86 sons que inventou. Com ele, Aua traduz qualquer idioma ou dialetos indígenas para o tupi-guarani.